



Dá o papo¹

uma ferramenta didática para escuta
pedagógica em roda de conversa



Equipe PROINAPE – 10ª CRE
Autor: Professor Walter Alves Sansão
RJ, setembro/2025

O livro-caixinha é uma ferramenta concreta, mas se apresenta uma subjetividade pela abstração da linguagem, pois proporciona ao professor conduzir durante a roda de conversa um jogo de questões na forma de “jogo” temático, que fornece ao grupo uma metodologia dinâmica e interessante para desenvolver de maneira consciente e inconsciente atividade de escuta.



¹ "Dá o Papo SME RJ" é uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-Rio) em parceria com a MultiRio, que lançou em 2025 um jogo de cartas pedagógico para incentivar o debate sobre *bullying* e *cyberbullying* nas escolas. O objetivo é apoiar os profissionais da educação e fortalecer um ambiente escolar mais acolhedor e participativo.

Essa tarefa não é fácil. No referido livro encontramos muitas ideias para o conceito de escuta:

- A escuta hospitaleira e hospitalar
- A escuta lúdica
- A escuta da cooperação
- A escuta propositiva
- A escuta apreciativa
- A escuta do corpo
- A escuta do afeto, sentimentos e emoções
- A escuta reflexiva e filosófica
- A escuta imagética
- A escuta para solidariedade
- A escuta integrada



Ainda baseado nesse livro, aprendemos que a atividade de escuta não é opcional. Pois se alguém não pratica a ação de escutar a si mesmo e o outro, automaticamente, pratica a ação da desescutação. Essa reflexão é relevante, principalmente para as pessoas que visam desenvolvimento pessoal e profissional. Para nós, da equipe PROINAPE, por exemplo, há a necessidade de diária de exercer a ação de escutar a si e o outro para obter melhor êxito em nossas atividades. Para Dunker e Thebas (2021, pág. 158):

Mas como educar para uma escuta inclusiva, empática, cooperativa? Acreditamos não existir uma única resposta, nem a melhor nem a certa. O que existem são pistas. E, na maioria das vezes, elas são mais valiosas do que respostas definitivas. Essas pistas se encontram nas histórias que vivemos. Às vezes camufladas em metáforas e às vezes bem ali à mostra, concretizadas em ações que deram certo, que não deram muito certo ou que deram errado mesmo. Cada um de nós com certeza tem um caso de encontro e desencontro para contar.

Outra proposta interessante sobre a escuta pedagógica é que a escola não assumiu, ainda, a valorização da escuta em sua totalidade. O ambiente escolar como espaço de ensino-aprendizagem é lugar para exercer a escuta de maneira integral. Mas na maioria das vezes, falar é valorizado como agir positivamente SEMPRE, mas o escutar, muitas vezes, pode ser interpretado como uma ação passiva (não necessariamente

negativa), mas não é tão valorizada quanto a primeira. Para Dunker e Thebas (2021, pág. 154):

Fomos sistematicamente educados a este vazio relacional: a aluna ou aluno que fala está feliz apenas por ocupar espaço ou tornar-se o centro das atenções, não necessariamente por estar sendo ouvido. O mais importante já foi conquistado, um lugar ao sol: o microfone é meu. E melhor, só meu. Isso tem sérias consequências para formação de uma cultura que valoriza o debate, a diferença de ideias, a oscilação entre conflito e conciliação, pois escutar o outro é sentido, muitas vezes, como uma espécie de derrota ou perda de espaço.

Uma outra questão sobre o “poder” da escuta é que o sujeito aprende a valorizar a pergunta: Certa vez perguntaram a Isidor Isaac Rabi (1898-1988), vencedor do prêmio Nobel de Física de 1944, qual o motivo de ter se tornado cientista. Ele respondeu que teria sido por causa da sua mãe. Explicou que em sua infância, na saída da escola, enquanto todas as mães da vizinhança perguntavam: “Filho, o que você aprendeu hoje?”, sua mãe lhe indagava: “Filho, o que você perguntou hoje?”

Quais são os benefícios da escuta pedagógica?

O cérebro humano é o mais poderoso mecanismo computacional conhecido. Isso exige alguns desafios de processamento de dados. É preciso fazer algumas considerações o ambiente que esse humano vive e outras questões complexas e externas a esse cérebro que influenciam a forma como ele irá se desenvolver e apresentar bons resultados ou não.

Em nosso trabalho utilizamos um conceito de cognição extra-cerebral². Em rápidas palavras, seria uma maneira de auxiliar a capacidade cognitiva dos nossos alunos com atividades pedagógicas que eles possam perceber suas habilidades e competências sem esquemas de avaliação tradicional: fracasso ou sucesso, certo ou errado, por exemplo. A inteligência é uma definição complexa e há vários conceitos. Mas precisamos desenvolver junto com nossos alunos atividades de ensino-aprendizagem que sejam

² Para Roazzi e Souza (2002): Adotando-se uma abordagem construtivista, pode-se dizer que a cognição ocorre através da interação entre um indivíduo cognoscente e um objeto cognoscível. Nesse sentido, o conhecimento é algo que é construído por alguém a partir de algum tipo de troca com um ou mais objetos (Bruner, 1997; Luria, 1976; Piaget, 1977; Seminário, 1996, Vygotsky, 1984). Com base no pressuposto de que o cérebro não oferece capacidade de processamento de dados em quantidade suficiente para atender às exigências impostas pela necessidade de sobrevivência e bem-estar, conclui-se que *algo*, fora do cérebro, tem que fornecer a capacidade adicional que se precisa; para que possa processar informação, é preciso que esse algo funcione como uma estrutura organizada.

relevantes para os estudantes e professores durante o processo acadêmico. Essa é uma experiência pedagógica que trabalha três tipos de inteligência:



A roda de conversa é uma metodologia que se propõe a investigação e o acolhimento de falas dos participantes. Em nosso caso, utilizamos o livro-caixinha com diferentes temáticas para que seja uma ferramenta didática que facilita o início da conversa para o professor e os estudantes. Em nossa atividade definimos que os participantes sejam acolhidos e expressem seus sentimentos e necessidades, baseados na teoria da Comunicação Não-Violenta (CNV)³. Essa teoria nos fornece embasamento teórico que nos auxilia a praticar junto com nossos alunos uma linguagem da paz em um mundo de conflitos. Pois a CNV nos ensina a se conectar com o que está vivo. Nós fomos educados a pensar com base em recompensas e punições. A punição, por exemplo, é um jogo em que todos perdem.

Essa proposta, também, permite que os estudantes possam refletir sobre mitos e fatos da sua vida escolar, familiar e seu cotidiano em geral. Nesse sentido, não nos

³ Para Rosenberg (2006) apud Santos (2006), a CNV está firmada na conexão existente entre pessoas por meio de um processo mútuo de respeito e empatia. Muito mais do que transmitir uma opinião, uma mensagem ou uma informação, a CNV tem por objetivo fazer o indivíduo ligar-se com o outro, se colocar no papel de quem o ouve por meio de um diálogo aberto e uma escuta ativa.

propomos a assumir um esquema de explicação como linguagem ou sistematização. Mas a intenção é que os estudantes encontrem um espaço de diálogo, escuta pedagógica e interação ativa sobre as suas necessidades e sentimentos.

Foi possível perceber que o livro-caixinha é uma ferramenta facilitadora para metodologia de roda de conversa. Os desdobramentos sobre o interesse dos alunos quando há instrumento didático colabora para o desenvolvimento da ação e compreensão sobre a identificação da temática, como linguagem. O procedimento de roda de conversa permitiu reunir informações e opiniões qualitativas sobre os participantes ao expressarem suas opiniões sobre seus sentimentos e necessidades. Isso permite ao professor e os estudantes identificarem, organizar e estabelecer questões positivas e negativas sobre algumas ideias que são verdadeiras e outras falsas.

Referências Bibliográficas:

MELO, M. C. H. de; CRUZ, G. de C. Imagens da Educação, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014. RODA DE CONVERSA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE DIÁLOGO NO ENSINO MÉDIO

LADRIÈRE, J. Prefácio. In: BRUYNE, P. de; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. de. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 9-22.

MELO, M. C. H. de. Construção social do conceito de adolescência e suas implicações no contexto escolar. 2013. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

ROAZZI, Antonio; SOUZA, Bruno Campello de. Repensando a inteligência. Universidade Federal de Pernambuco. 2002.

ROSENBERG, Marshall. A linguagem da paz em mundo de conflitos. Palas Athena. 2019.

ROSENBERG, Marshall B. Comunicação Não - Violenta: Técnicas Para Aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais. Tradução Mário Vilela. 4. ed. São Paulo: gora, 2006.

SANTOS, Fábio Júnio Luiz dos Santos. OS CONCEITOS DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA – CNV – NA INTERAÇÃO ENTRE AS PESSOAS: Um estudo sobre a CNV com foco em um Ministério do Governo Federal. Escola Nacional de Administração Pública. 2001.